

Uma ameaça que não pode ser enfrentada sozinha

Combater o crime organizado requer cooperação dos países do hemisfério. Redes globais de tráfico de cocaína representam uma ameaça significativa para a saúde de pessoas, para o meio ambiente e para as economias

Andrew J. Tiongson *
17 de fevereiro de 2020

Nas vastas extensões do Pacífico Leste, perto do istmo da América Central, uma embarcação solitária semissubmersa transita para o Oeste, carregada de toneladas de cocaína. Seu perfil discreto e parcialmente submerso é quase imperceptível aos olhos humanos. O objetivo do trabalho dessa equipe de quatro pessoas é conseguir aproximar essa carga excepcionalmente grande de cocaína o mais próximo possível dos EUA, antes de entregá-la à rede do narcotráfico.

Utilizando-se de aeronaves, a Marinha dos EUA e a Força Aérea Colombiana fazem patrulha marítima para localizar com exatidão a embarcação, monitorar seus movimentos e compartilhar sua localização com autoridades de um país vizinho da América Central, posicionado para interceptar a carga. O país parceiro despacha um interceptor marítimo para fechar o cerco da embarcação.

A equipe da embarcação semissubmersível faz uma tentativa desesperada para despistar o interceptor, porém a equipe do interceptor avista a embarcação. É o fim do jogo para a time do contrabando de drogas e o fim da linha para sua carga de cocaína.

Esta história é baseada em interrupções semelhantes bem-sucedidas realizadas durante operações contra narcóticos lideradas pelo Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM), trabalhando concomitantemente com mais de 20 nações e 16 agências parceiras – uma colaboração que resultou em um aumento de 65% na identificação dos alvos marítimos.

No despertar da pandemia de Covid-19, Organizações Criminosas Transnacionais (OCTs) ajustaram suas táticas, técnicas e procedimentos. O uso de embarcações de pesca comercial e contêineres para o transporte de cocaína tem diminuído, e, em vez disso, têm sido empregadas cada vez mais embarcações menores e semissubmersíveis. O uso de rotas de trânsito do Caribe Ocidental também tem aumentado em resposta às restrições de viagem e envio de mercadorias. Todos os países devem estar bem preparados para conter essa ameaça. As OCTs operantes nas Américas competem pelos estimados R\$ 94 bilhões gerados anualmente pelo tráfico mundial de cocaína. Elas irão explorar qualquer tecnologia, oportunidade ou vulnerabilidade, chegando até mesmo a corromper forças governamentais, judiciais e policiais para enfraquecer as instituições encarregadas da segurança pública. As OCTs não respeitam as fronteiras ou as normas de direito e agem com agilidade e inovação. Isso faz com que o governo dos EUA opere como uma única entidade - através de múltiplas agências - e coopere além das fronteiras internacionais.

Combater as OCTs é uma questão de segurança nacional e imperativo de defesa, e é fundamental para a segurança interna dos Estados Unidos. São vitais abordagens de segurança cooperativa de todo o hemisfério e instituições de segurança fortes, que compartilham valores e garantem segurança, prosperidade e liberdade.

Ciclo vicioso de ameaças

Organizações Criminosas Transnacionais não poupam ideias ou táticas para contrabandear cocaína e outras drogas perigosas. Durante a Copa do Mundo de 2018, o governo argentino confiscou réplicas de troféus do torneio recheados que continham, cada um, 1,5 kg de cocaína. Em 2019, a força policial espanhola interditou uma embarcação semissubmersível carregada com 3,5 toneladas de cocaína na costa noroeste da Península Ibérica. No início daquele ano, matérias jornalísticas descreveram como as forças policiais de Cabo Verde confiscaram 9,5 toneladas de cocaína a bordo de uma embarcação russa na rota da América do Sul para o Marrocos.

Essas redes globais de tráfico de cocaína representam uma ameaça significativa para a saúde de pessoas, para o meio ambiente e para as economias. As substâncias nocivas e produtos químicos usados para fabricar cloridrato de cocaína incluem amônia, metiletilcetona, ácido sulfúrico e gasolina. Os laboratórios de cocaína emitem displicentemente essas substâncias químicas no meio ambiente. Já os usuários de cocaína ingerem essas substâncias, muitas vezes desconhecendo o tamanho das consequências para sua saúde. Alguns traficantes de drogas misturam cocaína com fentanil, um opioide sintético similar à morfina, mas de 50 a 100 vezes mais potente. O resultado é uma cocaína mais barata, mais potente e potencialmente mais fatal.

Existem também ameaças financeiras. Negócios criados como empresas de fachada para lavar fortunas criminosas minam o comércio e negócios legítimos. As redes profissionais chinesas de lavagem de dinheiro surgiram em anos recentes como prestadoras de serviços-chave na região, capazes de movimentar rapidamente grandes quantidades de receita de drogas através do comércio internacional.

Sempre que se envolvem em atividades ilegais, os extremistas violentos e os criminosos prejudicam o Estado de Direito e contribuem para uma espiral de instabilidade que, exacerbada pela violência e pela Covid-19, alimenta níveis de corrupção, instituições fracas e Estados frágeis que sobrecarregam os sistemas sociais e jurídicos e desencadeiam migrações. O resultado é um círculo vicioso de ofensas que ameaçam a segurança de nossa vizinhança compartilhada. Defendê-la exige uma abordagem de governo e de todos os setores; bem como um esforço de cooperação entre as nações parceiras. O compartilhamento de informações e a articulação comunitária são absolutamente essenciais.

O que começou em 1989 como uma força-tarefa militar conjunta dos EUA, encarregada de apoiar as operações contra as drogas no Caribe, a Força-Tarefa Conjunta Interagências do Sul (tradução livre), um componente do SOUTHCOM, tornou-se, desde então, um modelo para a cooperação antinarcoóticos entre agências e internacional.

Hoje, 16 agências federais dos EUA apoiam a missão da força-tarefa de monitorar, detectar, rastrear e denunciar o tráfico ilícito aéreo e marítimo. Seus esforços apoiam e possibilitam o sucesso da aplicação da lei contra o narcotráfico em uma área operacional que abrange 42 milhões milhas quadradas, estendendo-se do Pacífico Oriental até o Atlântico Ocidental, e das águas internacionais ao norte das Antilhas Caribenhas até as vias fluviais ao sul da fronteira territorial do Cabo Horn.

A Guarda Costeira dos EUA, a Alfândega e Proteção de Fronteiras, a Administração de Fiscalização de Drogas, o Departamento de Estado dos EUA, a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional e o Departamento de Defesa dos EUA estão entre as muitas agências federais dos EUA que ajudam os países que procuram desarticular as organizações criminosas transnacionais que operam dentro de seus territórios nacionais.

Esta cooperação é eficaz. De acordo com o Escritório da ONU sobre Drogas e Crime, as Américas representam 85% do total de cocaína apreendida no mundo em 2018. E, apesar das demandas internas criadas pela Covid-19, nossos parceiros continuam comprometidos com a luta contra a droga. Nos primeiros seis meses das operações de combate à droga do SOUTHCOM, as nações associadas participaram em 60% das interrupções.

Do México ao Brasil, e do Canadá ao Chile, nossos parceiros no Hemisfério Ocidental contribuíram de várias maneiras para os resultados alcançados durante a operação antidrogas do SOUTHCOM e a operação antidrogas Orion V da Colômbia. De abril a novembro, esses esforços combinados interromperam e apreenderam mais de 226 toneladas métricas de cocaína, uma perda de quase US\$ 6 bilhões em lucros para as redes de tráfico ilícito de drogas. Durante esse mesmo período, as operações realizaram a detenção de pelo menos 520 suspeitos de contrabando de drogas e estima-se que possam ter salvado cerca de 2,3 mil vidas.

O aumento da participação das forças de segurança da nação parceira é possível graças ao investimento contínuo dos EUA através das autoridades do Departamento de Defesa (Department of Defense - DOD), como o Título 10, Seção 333, que permite ao DOD treinar e equipar nossos parceiros com capacidades críticas para combater o tráfico ilícito e reforçar a segurança marítima e das fronteiras. O envolvimento contínuo dos EUA apoia as capacidades dos parceiros, desde a melhoria da capacidade hidrográfica para interromper o tráfico nas profundezas das zonas de origem na América do Sul, até o auxílio para o aumento da capacidade de reconhecimento aéreo da nação parceira e a interdição marítima em toda a América Central e no Caribe, criando assim uma densa rede para dismantlar as Organizações Criminosas Transnacionais.

E muitas dessas nações comprometidas estão investindo cada vez mais na expansão ou modernização de suas capacidades e contribuindo ainda mais para as operações internacionais de combate às drogas.

A Jamaica e a Costa Rica adquiriram aviões de patrulha marítima, enquanto Trindade e Tobago e o Equador impediram as tentativas de contrabando de drogas por Organizações Criminosas Transnacionais em seus territórios ou perto deles. As forças navais de El Salvador estão patrulhando mais profundamente o Pacífico Oriental, enquanto as forças de segurança da Guatemala estão trabalhando em conjunto com as equipes dos EUA, da Colômbia, do México e de outras nações da América Central para interromper o transporte de cocaína através de voos de tráfico ilícito.

Todos os esforços contra o narcotráfico das nações e agências governamentais possuem um objetivo comum: defender a segurança da nossa vizinhança, detectando, deteriorando e dismantlando as Organizações Criminosas Transnacionais. Para ter sucesso, precisamos continuar a construir nossas fortes parcerias com as nações e suas agências parceiras dos EUA, através do compartilhamento de informações, análises e avaliações baseadas em dados, e direcionamento focalizado nas organizações criminosas. Só então poderemos identificar, mapear e dismantlar as redes por trás de uma empresa global de narcotráfico que contribui para cerca de 450 mil mortes anuais relacionadas ao uso de drogas, de acordo com a ONU.

As Organizações Criminosas Transnacionais são inovadoras e altamente adaptáveis e utilizam uma rede global bem financiada. Sabemos que as OCTs continuarão a tentar passar despercebidas por fronteiras permeáveis, oceanos e vias aéreas, mas terão que evitar a detecção e a apreensão por uma coalizão de nações contra drogas, defendendo seus cidadãos do flagelo da corrupção, violência e morte que acompanha o comércio ilícito de drogas.

** Esse artigo é adaptado do relatório especial da Americas Quarterly sobre crime organizado transnacional. O texto original, publicado em inglês, e que teve sua reprodução autorizada, pode ser encontrado no endereço <https://americasquarterly.org/article/the-threat-that-cannot-be-addressed-alone/>*

Andrew J. Tiongson

Contra-almirante e diretor de operações do Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM)

<https://www.fontesegura.org.br/seguranca-no-mundo1/zkim3renrv>

